

**Fatos recentes:** Estima-se que a região da América Latina e do Caribe (ALC) tenha crescido 3,6% em 2022. A forte expansão na primeira metade do ano foi impulsionada principalmente pelo consumo, apoiada pela recuperação do mercado de trabalho. No entanto, a atividade diminuiu no final do ano passado, com a desaceleração do crescimento global e a imposição de condições financeiras mais restritivas.

A inflação disparou em 2022, atingindo máximas não vistas há várias décadas em muitos países, com as pressões dos preços se ampliando para uma ampla gama de bens e serviços. O preço dos alimentos subiu de forma particularmente rápida. A inflação global pareceu atingir o pico no meio do ano na maioria dos países, e continua bem acima das metas dos bancos centrais. Assim sendo, no ano passado os bancos centrais continuaram elevando as taxas de juros para dois dígitos nas maiores economias da região.

**Perspectivas:** Espera-se que o crescimento na ALC sofra uma desaceleração acentuada, para 1,3% em 2023, antes de alcançar 2,4% em 2024. A desaceleração reflete os esforços das autoridades monetárias para controlar a inflação e as repercussões de uma perspectiva global insípida. Espera-se que o crescimento lento nos Estados Unidos e na China reduza a demanda por exportações, enquanto o aumento das taxas de juros nos EUA devem manter as condições financeiras restritivas. O lento crescimento global deve pesar sobre o preço das *commodities*, enfraquecendo os termos de comércio da América do Sul. A expectativa é que o investimento regional diminua este ano, prejudicado por custos de financiamento mais elevados, baixa confiança empresarial e elevada incerteza política.

O Brasil deve crescer 0,8% em 2023, dadas as altas taxas de juros que restringem os investimentos e a desaceleração do crescimento das exportações. Espera-se que a economia do México cresça 0,9% este ano, já que as condições monetárias restritivas, a inflação persistentemente alta e a redução das exportações reduzem as atividades. Prevê-se que o PIB da Argentina cresça 2% em 2023, já que a inflação muito alta inibe a atividade econômica.

Depois de aumentar no ano passado, o crescimento na Colômbia também deve desacelerar acentuadamente, para 1,3% este ano. A economia do Chile provavelmente sofrerá contração ao longo do ano, pois a renda real mais baixa reduzirá o consumo. No Peru, espera-se que a elevada incerteza das políticas e a queda no preço dos metais reduzam o crescimento, previsto para 2,6% em 2023.

Prevê-se que o crescimento na América Central diminua para 3,2% em 2023, já que a desaceleração da economia dos EUA dificulta as exportações e as remessas para os países. Espera-se que o Caribe tenha uma expansão mais robusta, de 5,6%, o que reflete, em parte, uma recuperação bastante atrasada da recessão provocada pela pandemia.

**Riscos:** Os riscos para as perspectivas pendem para o lado negativo. O crescimento global pior que o antecipado pode ter um forte impacto no preço das *commodities*, e prejudicar a atividade econômica dos exportadores de *commodities* da região. Condições financeiras globais mais restritivas também podem levar ao estresse financeiro nas economias mais vulneráveis da região.

A inflação doméstica na ALC pode se mostrar mais persistente do que o previsto, arriscando um aumento nas expectativas de inflação de longo prazo. O controle duradouro da inflação pode exigir aumentos adicionais significativos nas taxas de juros. Embora potencialmente necessário, isso poderia suprimir ainda mais o crescimento no curto prazo. De forma mais ampla, a previsão de referência indica padrões de vida estagnados na primeira metade da década de 2020, com crescimento médio do PIB per capita de 0,6% ao ano de 2020 a 2024. Isso pode tornar mais difícil o combate a uma série de problemas sociais, aumentando as barreiras ao desenvolvimento sustentado e inclusivo na ALC.

### Previsões para os países da América Latina e do Caribe

(Crescimento real do PIB a preços de mercado em porcentagem, salvo indicação em contrário)

	2020	2021	2022e	2023p	2024p
Argentina	-9,9	10,4	5,2	2,0	2,0
Bahamas	-23,8	13,7	8,0	4,1	3,0
Barbados	-13,7	0,7	10,0	4,8	3,9
Belize	-13,7	16,3	3,5	2,0	2,0
Bolívia	-8,7	6,1	3,3	3,1	2,7
Brasil	-3,3	5,0	3,0	0,8	2,0
Chile	-6,0	11,7	2,1	-0,9	2,3
Colômbia	-7,0	10,7	8,0	1,3	2,8
Costa Rica	-4,1	7,8	4,1	2,9	3,1
Dominica	-16,6	6,5	5,8	4,6	4,6
República Dominicana	-6,7	12,3	5,3	4,8	5,0
Equador	-7,8	4,2	2,7	3,1	2,8
El Salvador	-8,1	10,2	2,4	2,0	2,0
Granada	-13,8	4,7	5,8	3,2	3,0
Guatemala	-1,8	8,0	3,4	3,1	3,5
Guiana	43,5	20,0	57,8	25,2	21,2
Haiti <sup>2</sup>	-3,3	-1,8	-1,5	-1,1	2,0
Honduras	-9,0	12,5	3,5	3,1	3,7
Jamaica	-10,0	4,6	3,2	2,0	1,2
México	-8,0	4,7	2,6	0,9	2,3
Nicarágua	-1,8	10,3	4,1	2,0	2,5
Panamá	-18,0	15,3	7,2	4,5	4,5
Paraguai	-0,8	4,1	-0,3	5,2	4,2
Peru	-11,0	13,3	2,7	2,6	2,6
Santa Lúcia	-24,4	11,9	8,9	4,4	3,2
São Vicente e Granadinas	-5,3	0,7	5,0	6,0	4,8
Suriname	-16,0	-2,7	1,3	2,3	3,0
Uruguai	-6,1	4,4	5,0	2,7	2,5

"Fonte: Banco Mundial.

Nota: e = estimado; p = previsto. As previsões do Banco Mundial são frequentemente atualizadas com base em novas informações e mudanças nas circunstâncias (globais). Consequentemente, as projeções aqui apresentadas podem diferir daquelas contidas em outros documentos do Banco, mesmo que as análises básicas das perspectivas dos países não sejam significativamente diferentes em um determinado momento.

1. Os dados são baseados no PIB medido em preços médios de 2010-19 e taxas de câmbio de mercado.
2. O PIB é baseado no ano financeiro, que vai de outubro a setembro do ano seguinte."